

★ TRADUTTORE TRADITTORE

Marcos Renaux

É tradutor e adaptador de textos teatrais. Traduziu peças de Bertolt Brecht, Heiner Müller, Karl Gassauer, Peter Turrini, Harold Pinter, Sam Shepard, Arthur Miller e outros.

Foi com esta saudação que certa vez, em meados da década de oitenta, Gianni Ratto nos recebeu em sua casa, quando Thomas Frey e eu fomos apresentar a ele nossa tradução de *José e Maria*, de Peter Turrini. O bordão não era novo, mas a mim jamais havia sido dito assim, na lata. E nos fez pensar: o que, afinal, fazemos?

Para além de qualquer possibilidade de confirmarmos ou não a veracidade “científica” de semelhante afirmação, cabe talvez perguntar o quanto um tradutor de textos dramáticos pode ou deve ser um traidor da literalidade.

Ainda que obviamente ela deva ser inteiramente abandonada em casos específicos, como o de expressões idiomáticas e gírias, o certo é que o tradutor, ao deparar-se com a tarefa de traduzir um texto que será encenado, navega infalivelmente em água turva. A empreitada não é fácil, isto é certo. Por outro lado, há – para mim pelo menos – uma certeza absoluta: o texto a ser traduzido tem vida própria, é verdade, mas seu sentido fundamental é o de que ele será falado e, portanto, terá de contemplar uma coloquialidade da qual o tradutor literário pode eventualmente prescindir, mas não assim o tradutor dramático.

O leitor aqui pode perguntar: e onde ficam os clássicos? Bem, respondo à pergunta hipotética com uma constatação. Na condição em que muitas vezes me encontro, a de platéia, ando há muito farto, cansado mesmo, de assistir a clássicos da dramaturgia universal, quase sempre sub-representados, declamados talvez, com pompa e circunstâncias que mais parecem peças de museu – empoeiradas, trincadas e mal reconstituídas. Eles não deveriam ser encarados com tanta reverência, com

tanto formalismo. Pode-se muito bem traduzi-los e encená-los com mais coloquialismo, ainda que eventualmente o coloquial de sua época específica tivesse sido, como certamente foi, diferente do coloquial de hoje.

No entanto, fique claro, não argumento no sentido de que os textos traduzidos devam ser modificados. “Millôr, é verdade que você melhora o Molière?”, conta Millôr Fernandes, que teria sido assim interpelado na rua por Nelson Rodrigues. Ao que ele diz haver respondido: “Nelson, olha aqui, eu já vivi quase 300 anos a mais que o Molière. Além disso, sou mais velho do que ele. Respeito tudo o que Molière escreveu – agora, deixou uma bola na porta do gol, o chute é certo”.

Genial, e Millôr Fernandes fez pelo teatro brasileiro muito mais que eu e outros tradutores somados fizemos. Mas será mesmo que devo traduzir Luftwaffe por FAB num texto de Brecht ou Heiner Müller? Penso que não. Este não deve nem pode ser o norte do tradutor dramático. A ele cabe procurar reproduzir o que o autor, em sua língua original, provavelmente quis transmitir, quis que seu personagem transmitisse. As palavras, as falas não estão ali jogadas ao acaso – elas tentam dizer algo a que o autor procurou dar forma no texto dramático daquele modo, e não de outro, pelo simples fato de que ele quis expressar-se daquele modo. A nós, tradutores, cabe, como regra número um, trabalhar como um relojoeiro – as peças têm de estar todas lá, têm de se encaixar, têm de trazer o mesmo sentido que o autor quis dar, não só no “todo”, no conjunto, mas também, até o limite do impossível, nas partes. Se, ao nos depararmos com o “impossível”, temos de trair o que entendemos ser o original, que assim seja. E que pare por aí a traição. ★